

O Vimaranense

Redactor principal: Avelino de Sousa.

Os artigos da redacção do jornal não são assignados. Todo o artigo publicado com assignatura de qualquer natureza exprime a opinião particular do seu author, com a qual a redacção pode ou não concordar.

N.º 450

SEXTA-FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 1867

V ANNO

Guimarães, 7 de fevereiro

Caminhos de ferro

Levantou-se na camara dos srs. deputados, em sessão do dia 25 do mez proterito, a questão da viação accelerada, e agitou-se com o interesse, que tão momentoso objecto inspira a todos.

Den couço á discussão o sr. José Julio d'Oliveira Pinto, advogando a conveniencia da construcção immediata do caminho de ferro do Porto á Regua, e tamarã depois parte n'ella differentes deputados, querendo cada um para as localidades, que representa, a preferencia na construcção das vias acceleradas!

Esta competição no dividendo d'um beneficio, que utiliza a um mesmo povo, digam o que disserem, é baixa e mediocre.

Os caminhos de ferro são feitos para protegerem grandes interesses, e é errada a dedicacão d'aquelles, que pleiteiam primasias, movidos por fundamentos alheios á conveniencia geral.

Não se podem fazer ao mesmo tempo quatro caminhos de ferro.

A nação não tem recursos para fazer caminhos internacionaes, e dotar todas as provincias com caminhos internos.

É por isso necessario começar por um lado, e a illustração e patriotismo dos srs. deputados devia determinál-os a preferirem o que fosse mais conveniente a todo o paiz.

Os deputados da Beira, do Douro, de Traz-os-Montes e do Minho são primeiro que tudo representantes da nação.

O seu primeiro dever é, por consequencia, promover os interesses geraes do paiz, e o paiz não é uma provincia unica, mas a reunião de todas ellas.

O amor do campanario é uma virtude se não tende a lesar os interesses da nação. Tendendo, é um vicio e até um crime.

N'este supposto, manifestas as vantagens geraes e superiores d'um melhoração qualquer, falsea os seus deveres mais sagrados aquelle, que, por qualquer circumstancia de conveniencia propria, ou por qualquer motivo de rivalidade mesquinha, pretende impedir a realisacão desse melhoração, ou desviar-lhe a sua applicação mais lata e proficua.

É o que fizeram todos os deputados oppositos á immediata construcção do caminho de ferro commum até ao valle do Sousa, e d'ahi dividido em duas linhas, uma para a Regoa e outra para Braga, tocando nesta cidade.

É este o traçado que sollicitaram differentes camaras municipaes, a junta geral do districto do Porto, e que no parlamento e na imprensa, tem tido sempre conscienciosos e auctorizados defensores.

Já por muitas vezes temos mencionado as vantagens deste traçado, e são ellas por tal sorte conformes e semelhantes com as que aponta em o *Jornal do Porto* uma auctoridade de grande peso, o sr. Figueiredo, que gostosamente completamos com ellas as nossas reflexões.

Nós já enunciamos a opinião, de que se deve construir um caminho de ferro commum até o Valle do Souza; e alli de-

vidirem-se as duas linhas—para a Regoa e para Braga, tocando em Guimarães.

É este o traçado, que sollicitaram muitas camaras municipaes, e a imprensa d'algumas localidades. A junta geral do districto do Porto, representando ao governo em favor do traçado central do caminho de ferro do Minho, que com aquelle completa um grandissimo melhoração para as provincias do norte do paiz, e tem, além d'isso, d'operar uma revolução grandemente auspiciosa para a prosperidade futura d'esta importante parte de Portugal.

Tambem no parlamento se tem levantado vozes auctorizadas, demonstrando a evidente conveniencia da construcção do caminho de ferro commum até as proximidades de Penafiel, vindo depois a dividir-se para seguir d'alli—uma linha para a Regoa, outra para Braga, tendo Guimarães como ponto forçado; o caminho de ferro pelo littoral atravessará os concelhos da Maia, Santo Thyrsó, e Villa Nova de Famalicão; em quanto que o caminho de ferro pelo Valle de Souza tem de cortar os concelhos de Gondomar, Valongo, Paredes, Penafiel, Louzada, Felgueiras, e Guimarães.

Se é mais economico o caminho mais productivo, e se o mais vantajoso é o mais economico, de razão é que não se esqueça, que a directriz, porque nos pronunciamos terá que aproveitar a muitos concelhos limitrophes, taes são Paços de Ferreira, Santo Thyrsó, Amarante, Celorico de Ferreira, Santo Thyrsó, Amarante, Celorico de Basto, Cabeceiras e Mondim de Basto,

Fafe, Poyga de Lanhoso, e Villa Nova de Famalicão.

Não entrando na questão technica, porque ainda não se acham tirados todos os traçados, nem esses estudos que ha possam para já ser devidamente apreciados, não podemos, ainda assim abstermos d'entrar n'outra questão grave e importante: referimo-nos ao maior numero de povos, que hão-de-lucrar com a directriz central, e ás circumstancias vantajosas, em que se acham esses povos.

Os interesses economicos dos concelhos que mencionamos, e não menos dos povos do Douro, e das provincias da Beira e Traz-os-Montes, preponderam tanto n'esta questão, quanto é certo, que n'elles está a maior riqueza agricola do norte do paiz—a importancia commercial de mais força—e em algumas partes a industria, que lhes dá vida.

A directriz central encontra antes de Braga duas terras importantes—Penafiel e Guimarães; corta terrenos notavelmente fertes; e aproxima-se d'um dos maiores focos de industria, que ha no paiz.

Não é só na riqueza de cereaes que se avantajam os concelhos que mencionamos; a producção vinicula é notavel em todos elles, e especialmente nos concelhos vinhateiros de Bastos, e das margens do Tamega.

O commercio é de subida importancia, especialmente em Guimarães. Nesta cidade porém o que mais se avanta é a sua grande industria. Aquella terra laboriosa prospera em diversos ramos de industria, como são os cortumes de couros,

FOLHETIM

SERRASINO

(POR BALSAC)

Ernesto João Serrasino era filho unico d'um procurador do *Franche-Comté*. Seu pae tinha ganho muito honradamente seis a oito mil libras de renda—riqueza que, na provincia, passava por colossal. O velho Serrasino queria que nada faltasse á educacão de seu filho; contava fazer d'elle um magistrado e viver tempo sobejo para ver, nos seus velhos dias, o neto de Mathens Serrasino, lavrador de *Saint-Dié*, sentar-se sobre as flores de liz e dormir na audiencia, para maior gloria do tribunal. O céo, porém, não lhe concedeu esta satisfacão.

O moço Serrasino, entregue cedo ao cuidado dos Jesuitas, deu mostras d'uma turbulencia pouco commum.

Teve a infancia do homem de talento.

Não queria estudar senão a seu modo; insurreccionava-se muitas vezes e outras ficava horas inteiras mergulhado em confusas meditações; occupado, ora a ver brincar os companheiros, ora a figurar os heroes d'Homero.

Se se lembrava de brincar, punha nos seus brinquedos um ardor extraordinario. Se travava lucta com algum camarada, era raro que não corresse sangue.

Activo e passivo; agora intelligente de mais, logo sem a menor aptidão, tão exquisito era aquelle genio que os companheiros e os mestres temiam-n'o.

Em vez d'aprender os element's da lingua grega, punha-se a fazer o retrato do reverendo que lhe explicava uma passagem de Thucydides; bosquejava o mestre de mathematica, o prefeito, os creados, o corrector e esgaratjava esboços informes em quantas paredes encontrava.

Em vez de cantar, na igreja, os louvores do Senhor, punha-se, durante os officios, a recortar um banco, ou a esculpturar a imagem d'um sancto, se tinha apanhado um pedaço de madeira. A falta de madeira ou lapis dava conta das suas concepções com pão esmigalhado. Ou copiando as personagens dos quadros do choro, ou improvisando, o certo é que deixava sempre, no lugar de que sabia, esboços grosseiros, cujo caracter licencioso desesperava os padres novos e fazia sorrir os velhos, segundo diziam as más linguas. Em fim, a crer a chronica do collegio, foi expulso de lá, porque, na sexta-feira Sancta, emquanto esperava a sua vez da confissão, se entretivera a fazer uma esculptura que respirava impiedade por todos os poros.

Serrasino veio procurar a Pariz um refugio contra as ameaças da maldicão paterna. Possuindo uma dessas vontades fortes, para as quaes os obstaculos são nada, obedeceu ás ordens do seu genio e entrou no *atelier* de Bouchardon. Trabalhava todo o dia, e á noite ia mendigar a subsistencia. Bouchardon, maravilhado

tista, não tardou a descobrir a miseria em que se achava o seu discipulo, soccorreu-o, afeiçãoou-se-lhe e tratou-o como filho.

Depois, quando o genio de Serrasino se manifestou por uma d'estas obras, em que o talento futuro lucta com a effervescencia da mocidade, o generoso Bouchardon tentou reconcilia-lo com o velho procurador. A colera paterna aplacou-se diante da auctoridade do celebre pintor. Besançon em peso felicitou-se de ser berço do grande homem em perspectiva.

No primeiro momento d'extasis, que lhe deu a vaidade lisongeada, o avaro procurador poz o filho em estado d'apparecer vantajosamente no mundo.

Os estudos longos e laboriosos, que exige a esculptura, domaram durante algum tempo o caracter impetuoso e o genio selvagem de Serrasino.

Bouchardon, prevendo a violencia com que as paixões se desencadeariam n'esta alma, da tempera vigorosa da de Miguel Angelo, abafou-lhe a energia com trabalhos continuados. Obteve manter nos justos limites o ardor extraordinario de Serrasino, prohibindo-lhe o trabalho, ou propondo-lhe distracções, quando o via raptado pelo furor d'algum pensamento; ou confiando-lhe os importantes, quando o via a pique d'entregar-se á dissipacão.

Mas com esta alma apaixonada, a arma mais poderosa era a dôcura, e o mestre só pôde ganhar um imperio completo sobre o discipulo, depois que lhe excitou a gratidão com uma bondade toda pa-

Aos vinte e dois annos, Serrasino não teve remedio senão subtrahir-se á salutar influencia, que Bouchardon exercia sobre os seus habitos e as suas acções. Foi com profunda dor que o esculptor do rei vio partir para a Italia aquelle moço, que elle, por systema, mantivera na ignorancia mais profunda das cousas da vida.

Serrasino partio para a Italia em 1758. Durante a sua viagem, aquella imaginação ardente inflamou-se debaixo d'um céo de cobre e á vista dos monumentos maravilhosos, de que está semeada a patria das artes. Admirou as estatuas, os frescos, os paineis, e, cheio d'emulação, chegou a Roma, morto por inserever o seu nome entre os de Miguel Angelo e Bouchardon. Assim, os primeiros dias, passou-os entre os trabalhos do *atelier* e o exame das obras d'artes que abundam em Roma.

Corriam já quinze dias nesse estado d'extasis em que cahê toda a imaginação juvenil ao aspecto da rainha das ruínas, quando, uma noite, entrou no theatro d'*Argentina*, á porta do qual se acotovelava uma turba immensa.

Inquiriu as causas d'esta affluencia e todo o mundo lhe respondeu com os nomes de: Zambinella! Jumelli!

Entrou, tomou lugar, entre dois *abbati* notavelmente gordos; mas felizmente não ficou longe do proscenio.

(Continúa)

o fabrico de linhos, e a manufactura de excellente entilaria.

Mas não consideremos uma questão de viação accelerada só nos limites da agricultura e da industria; vejamos tambem nos estabelecimentos de agoas thermaes das caldas de Vizella e Taipas um poderoso elemento de riqueza, cujo desprezo não é só erro economico dos nossos governos, è ainda prejuizo grave para os povos das circumvisinhanças.

Quando os romanos deram ás agoas thermaes de Vizella a importancia que ellas merecem, e ao estabelecimento consagraram o disvello, que nós quasi que lhe negamos, conheciam aquelles *senhores do mundo*, que estava alli a origem de grandes prosperidades; e essas prosperidades podem ser exploradas vantajosamente com a construcção do caminho de ferro do Minho pelas proximidades da antiga Arrifana do Sousa.

È para proteger estes grandes interesses que foram inventados os caminhos de ferro; è para dar vida e riqueza aos povos que os caminhos de ferro começaram de cortar extensos valles, do mesmo modo que despresam as eminencias de grandes montanhas para os atravessar; e è tambem com o fim de procurar o augmento de uma plaga tão importante, que nós procuramos mostrar a precisão de se construir o caminho de ferro do Minho pelo valle de Sousa, tocando em Guimarães.

M. R. de Figueiredo

Boletim parlamentar

Concluiu na camara electiva o seu discurso o sr. deputado Levy, demonstrando até á saciedade a inconveniencia e a ruindade da proposta da reforma da secretaria dos estrangeiros. S. ex.^a terminou, mandando para a mesa um artigo adicional assim concebido:

«Nenhum deputado será nomeado para os lugares, cuja creação è auctorisada por esta lei, nem seis mezes depois de finda a legislatura.»

Em seguida subiu á tribuna o sr. ministro, auctor do projecto, que procurou rebater os argumentos dos oradores anteriores.

As considerações porem que s. ex.^a fez não fizeram demover a camara da opinião em que está, de que o projecto è altamente contrario e nocivo aos interesses da fazenda publica.

Ao sr. Casal Ribeiro seguiu-se o sr. Lourenço de Carvalho, que mandou para a mesa uma proposta, para que o sr. ministro dos estrangeiros fosse convidado a apresentar as bases sob que assentava os seus calculos, justificando esta sua exigencia, e concluindo por declarar que não podia approvar o projecto porque envolvia um grande augmento de despesa publica.

Fallou depois o sr. Fradesso da Silveira que disse que rejeitava o projecto por inoportuno e por anti-economico.

O sr. A. R. Sampaio, disse que se o projecto trazia augmento de despesa tambem esse augmento ficava compensado com o melhor serviço que ha de trazer a reforma. Fez ainda mais algumas considerações, terminando por declarar que votava a favor.

Teve depois a palavra o sr. Ayres de Gouvea, que manifestou a sua opposição ao projecto, porque trazia augmento de despesa, que não se justificava de maneira alguma.

Por ultimo o sr. Gonçalves de Freitas disse que approvava o projecto, porque considerava a reforma reclamada pelas necessidades publicas.

A discussão ficou ainda pendente. Antes da ordem do dia foi discutido o parecer da commissão do fazenda sobre as propostas para a eliminacão e alteracão de algumas verbas da tabella dos emolumentos.

Todas as propostas foram rejeitadas excepto a do sr. Levy, para que os estabelecimentos pios, litterarios etc. não pagassem emolumentos pela approvação dos seus estatutos, que foi approvada, e uma outra do sr. José de Moraes para que a

tabella dos emolumentos de titulos e mercês honorificas fosse elevada ao dobro que tambem foi approvada.

O correio d'hontem á noite trouxe-nos a noticia de que, depois de fallarem os srs. Coelho do Amaral contra, e a favor o sr. Mattos Correa procedeu-se á votação e ficou o projecto da reforma da secretaria dos estrangeiros approvado por 89 votos contra 41!!

Está consumado o escandalo.

A SITUAÇÃO

O *Jornal de Lisboa*, discorrendo sobre o est. do presente, diz o seguinte:

«A situação è grave. O estado do thesouro suscita as maiores apprehensões, e o governo demora-se em satisfazer á anciedade publica.»

Para mais se comprometter na pinião do paiz, o ministerio está entretendo a acção parlamentar com medidas odiosas e deploraveis no estado actual da fazenda publica. A discussão da reforma do ministerio dos negocios estrangeiros, vae collocar o governo em serias difficuldades e arriscar sem duvida um conflicto parlamentar.

Não è possivel que a camara electiva, por mais estreitos que sejam os seus compromissos com o gabinete, tenha coragem para votar um projecto que onera o thesouro em muitos contos de reis e que vae assim aggravar e peorar o estado critico da questão financeira. O governo ainda não disse quaes são as medidas que pelo ministerio da fazenda hão-de ser presentadas á camara; mas não se esquece de ir submettendo á deliberação parlamentar projectos e reformas todos determinados no intuito de augmentar vantagens pessoais á custa do thesouro e do paiz.

A camara não pode acompanhar o governo neste caminho de desperdicio sem se tornar ré do mesmo crime, e ficar na impossibilidade de justificar o seu procedimento perante a nação que lhe confiou o mandato, não para sustentar ministerio obnoxio á causa publica, mas para zelar os interesses dos povos e o decoro do paiz.

A camara inutilisa-se apoiando estes desvarios, e perde a confiança publica, como já perdeu o governo, se continua a apoiá-lo.»

CORRESPONDENCIAS

Mont'alegre 26 de Janeiro

(Do nosso correspondente)

Post tot, tantosque labores venit tandem dies inquo, o sr. Augusto de Barros e Sá, mano do ex-pae da patria o sr. Barros e Sá, se arvorou (scripturario da fazenda d'este concelho, mediante a *estrategia* do sr. administrador do concelho, e com menosprezo da lei.

Em primeiro que tudo, *custa* a acreditar que o sr. Barros e Sá, sendo um dos maiores corypheus da situação, não podesse obter melhor *posto* para aquelle seu *digno* mano, que ainda agora entrou pela primeira vez os umbraes da civilisação.

O sr. Rebello pretendendo do sr. Antodio Eugenio Rodrigues, escrivão interino da fazenda, a proposta do seu primo Barros e Sá, para escripturario da fazenda, e como elle reconhecesse a ineptidão e automatismo do sr. A. de Barros e Sá, recusou, parecendo-lhe um absurdo tal exigencia: o que se pôde documentar com uma carta do sr. Rodrigues.

Mas como o sr. A. E. Rodrigues cahisse em certas *fragilidades* relativas ao seu cargo (*si vera est fama*), o sr. Rebello valendo-se da occasião, tornou a pedir ao sr. Rodrigues a proposta do seu primo; e como o sr. Rodrigues temesse as garras do *dignissimo* administrador, promptificou-se a fazer tudo aquillo que o sr. Rebello quizesse, com tanto que lhe perdoasse a falta commettida.

O sr. Rebello chegou a referir a existencia do facto ao proprio juiz do direito

delegado d'esta comarca, como elles proprios o hão referido, e que por isso ia levantar auto de investigação: o qual segundo me consta, ainda não chegou ao poder judicial, com tanta admiracão dos mesmos magistrados, como publica.

Foram estes os meios de que usaram os srs. administrador, e Barros e Sá para fazerem escripturario da fazenda seu primo e irmão o sr. A. de Barros e Sá: pertencendo-lhe antes o emprego de sub-director d'esta alfandega (se não houvesse sido extinto) o qual foi desfrutado por seu pae Sebastião José de Barros e Sá, partidario do governo cabralista.

Acreditamos que o agraciado hade corresponder aos diferentes e reiterados exemplos dos seus, sem mesmo exceptuar os de seu mano abbade, quem havemos qualquer dia dar os nossos parabens por uma nova *invenção*. . . .

—Até qualquer dia, que volte ao assumpto.

A Sentinella do Larouco.

NOTICIARIO

Os tributos.—A opinião publica está gravemente sobresaltada com a noticia geralmente propalada de que o governo vae sobrecarregar os contribuintes com novos tributos.

A opinião publica está revoltada contra o systema perdulario e esbanjador do actual ministerio e tem rasão.

Isto não pode assim continuar.

Um governo que em pouco mais de um anno augmenta o *deficit* em mais de MIL CONTOS de reis, que dispendeu grossas sommas nas *manobras* de Tancos, e em paradas ostentosas, que continua a gastar sem conta, nem peso, nem medida os dinheiros publicos sem proveito para o paiz—que projecta reformas das secretarias augmentando a despesa em 150 CONTOS para anichar os compadres e afilhados, e que depois de todos estes desperdicios, quer obrigar o povo a que pague novos esbanjamentos—um governo d'estes dizemos — merecer a execração publica, porque pode levar o paiz a uma convulsão temerosa, cujas consequencias è difficil calcular.

O povo não deve pagar mais, mas estaria prompto a fazer qualquer sacrificio, se por ventura visse da parte do governo economias e boa administração dos dinheiros da fazenda.

Mas vê o contrario, vê desperdicios e superfluidades, vê ostentações ridiculas que exhaurem rios de dinheiro, vê embaixadas luxuosas, vê economias promettidas substituidas por augmentos de despesa, e por consequente não pode nem deve, nem quer pagar mais.

Independencia Nacional.—Sahiu á luz na capital o primeiro n.º da «Independencia Nacional», cuja remessa, muito agradecemos.

È opposição ao actual gabinete. No segundo artigo tratando com toda a proficiencia da questão financeira diz o illustrado collega o seguinte:

«È quando a tudo isto accresce o augmento do imposto *impetus vel fatal*, ha o direito de dizer—*alto*—em nome do povo: *contas primeiro e o imposto depois.*

«O povo portuguez ainda se não negou a acudir com a vida e a fazenda em serviço da patria.

«Mas o povo não quer cerecar o pão da familia para satisfazer o augmento de imposto que lhe pedir o fisco, quando tem a certeza que o obolo que lhe arrancam vae servir não á causa publica, mas a caprichos indesculpaveis ou antes reprehensiveis.

«O povo pôde e deve pagar mais, disse um estadista, que hoje tem voto nos conselhos da coroa.

«O povo paga e está prompto a pagar, mas digam-lhe primeiro em que se gastou o que elle pagou hontem, se querem que elle pague amanhã.

«È para desperdicios? Não paga. È para remuneração de serviços que podem ser muito apreciaveis, mas que não podem confessar-se nas columnas do organ-

mento? Não paga. È para nos obrigar a representar aos olhos dos estrangeiros um papel ridiculo com bravatas improprias de um paiz pequeno, mas serio? Não paga.»

Boa reforma e boas economias.—Da parte do projecto da reforma administrativa que tem vindo publicado no *Diario*, consta que em nome das economias os membros do concelho de districto do Douro e Extremadura receberão cada um a gratificacão annual de reis quatrocentos mil, e nos outros districtos reis trescentos mil.

Haverá tambem em cada districto um ouvidor, vencendo os do Douro e da Extremadura 400 mil reis e os outros rs. 300 mil.

De maneira que feitas as contas o augmento da despesa annual è de *quarenta e sete mil setecentos e cincuenta cruzados!*

Boas economias!

Consummatum est!—Foi approvado o projecto da reforma dos estrangeiros, que augmenta a despesa n'uma boa porção de contos.

Agora venham os tributos, porque quem vota a despesa deve approvar a receita.

Portugal vae á véla!

Boubo malogrado.—O estafete d'esta cidade para a do Porto, tendo um d'estes ultimos dias pousado na estalagem do Mesquita, achou-se falto da quantia de 200\$000 reis, que tinha guardados n'uma caixa.

Estando esta em sitio, onde só d'ella sabia gente do conhecimento do estafete, caliram as suspeitas n'um individuo seu conhecido, que sendo preso, confessou e repoz a quantia roubada.

O tempo não corre feliz para estas empresas.

Representações.—Tem sido apresentadas no parlamento algumas representações contra a suppressão d'alguns districtos consignados no projecto da reforma administrativa.

Do districto de Port'Alegre vieram para tal fim, pessoalmente a Lisboa algumas camaras municipales.

Viagem.—Diz-se que o sr. D. Luiz projecta ir com sua augusta esposa examinar a exposição de Pariz.

Accrescenta-se que irá por terra, e que se demorará tres dias em Madrid.

Chegada e partida.—Chegou a esta cidade na segunda-feira e partiu na quarta-feira de manhã o exm.º sr. doutor Affonso Barreto Pereira de Campos da cidade da Guarda, cunhado do grande estadista José Alexandre de Campos. Hospedou-se em casa do nosso amigo Adriano Gaspar Pinto de Saldanha.

S. ex.^a visitou as duas ordens terceiras de S. Francisco e S. Domingos, em que admirou a melhor ordem e accção.

Publicação.—Recbemos e agradecemos o 1.º n.º do *Tejo*, revista hebdomadaria, que principiou a publicar-se em Lisboa.

È editor o proprietario da typographia Franco-Portugueza.

Exposicão de Pariz.—Está definitivamente fixada a sua abertura para o 1.º d'abril.

A imprensa de Pariz annuncia que serão expostas n'um pavilhão as joias da coroa ingleza, cuja colleccão tem um valor de mais de 4:300 contos.

Resposta á letra.—O informador d'esta cidade para o *Districto*, rabiscando acerca do *Vimaranense*, diz o seguinte:

«A importancia da *catterie* do *Vimaranense* pode bem avaliar-se pela gente que a representa na imprensa, de que faz soalheiro de alcivosias, insultos, mentiras e obscenidades. Esta è a força, como è tambem o poste a que è atada pelo desprezo da opinião.»

Isto são *reliquias* da defuncta *Gazeta!*

Nem educação, nem *grammatica*, nem senso commum! . . .

Nós, se leva-semos a serio o que rabiseia uma creança *tola* com presumpções de esperta, mandavamos pelo varredor desta redacção torcer-lhe as orelhas.

Mas tomando no devido conceito as travessuras d'um *cajato* fazemos votos na

ra que continue a fazer da penna estylete, porque enquanto se occupar n'este officio exalta nobremente os amos que lhe pagam, dá gosto á familia e descança o baralho e a caneca.

Se se emendar ficamos por aqui.

KALENDARIO

Febrero

- 8—Sext.—S. João da Mata.
9—Sabb.—S. Apo'onia V. M.
10—Dom.—S. Escolastica.
11—Seg.—S. Lazaro. D.

EXTERIOR

O governo do reino visinho continua a condemnar á morte os escriptores publicos, assim como os collaboradores e compositores dos jornacs que lhe são contrarios.

O cadaver da rapariga que degulou a ama e que foi garrotada, esteve exposto durante quatro horas. A condemnada tinha 27 annos de idade.

No mesmo dia entraram no oratorio mais 3 reos condemnados por ferimentos e roubos.

Que horror!

Cartas de Madrid dizem que o governo prepara a eleição para o dia 10 de março, e que o partido *unionista* resolveu não ir á urna.

O ministerio trabalha por affastar do paiz Soror Patrocínio, mas não o conseguirá porque a reacção clerical domina no paço.

TELEGRAMMAS

Londres 5—O discurso da rainha diz que são amigaveis as relações com as potencias estrangeiras; que a Inglaterra, a França e a Russia tratam de reconciliar o sultão com os christãos. O discurso faz presentir o bill de reforma indicando a necessidade de concessões mutuas; e diz que a França e a Inglaterra não alcançaram a reconciliação da Hespanha com o Chile e o Peru.

Munich 2—O partido radical oppõe-se energeticamente á união da Baviera com a Prussia, e pede uma confederação do Sul alliada com a Suissa.

Florença—Sete commissões da camara aprovam o projecto de liberdade da egreja.

Florença 4—Nove commissões da camara rejeitaram o projecto de Scialoja. A «Opinione» desmente o boato de que o ministerio esteja disposto a activar o projecto. É desmentido o boato de crise ministerial.

SECÇÃO AGRICOLA

A oliveira e o fabrico do azeite na Italia

Tercera parte.—Fabrico do azeite

2.º Moedura das azeitonas—Logo que estão colhidas as azeitonas, procede-se ás operações seguintes, que os agricultores executam por diferentes maneiras. Uns, e são os que constituem o menor numero—fazem escolher a azeitona, e, depois de limpa das partes estragadas pelo bicho, das folhas, das pedras, e dos outros corpos estranhos que com ella se acham misturados, submettem-na immediatamente á acção da moenda. Outros, mais entendidos, lavam a azeitona depois de reunida no lagar ou armazem—fazendo-a seccar sobre grandes mesas juntas umas ás outras para este fim, e bem arejadas, onde se espalham até ficar n'uma camada de 8 a 10 centimetros de espessura. Deixam-na assim dois ou tres dias, e, para impedir a fermentação, voltam-na constantemente com umas pás de madeira de cabo com-

A maior parte dos proprietarios para economisarem tempo, e terem muito de pressa o azeite, preferem depositar as azeitonas amontoadas em tulhas ou casinhas de alvernaria, salgal-as com sal de cosinha; e deixal-as ali fermentar artificialmente durante quinze, trinta e mesmo sessenta dias. Em Santa Lucia de la Mela e em muitos outros pontos dos campos de Barcelona, não empregam o sal. Depois de encherem as tulhas de azeitonas, cobrem-nas com pedras chatas, afim de melhor e premer os fructos, e fazel-os—como se diz nesse paiz—*limpar* mais de pressa. Nessas tulhas as azeitonas diminuem muito, expellindo uma notavel quantidade de liquido, que escóa por um buraco feito na parte mais baixa.

Não é raro, sobretudo quando se empregam as pedras, apodrecer toda a massa, e crear bolor na superficie, tomando uma consistencia de papas, cujo máo cheiro se derrama em todo o lagar.

Poderia demonstrar com cifras, fornecidas por praticos experimentados, quanto este systema é vicioso. Limitar-me-hei por agora a mostrar o damno á perda ocasionada por essa fermentação artificial. Do mesmo modo que em todos os corpos organicos, esta fermentação e o effeito da desagregação do *mesocarpo* é da dissolução parcial do azeite nos seus elementos constitutivos. O oxigenio do ar penetra em toda a massa, e por ella absorvido, e fal-a passar por tantas transformações chymicas quanto o azeite se torna desagradavel ao paladar, produzindo um queimo na garganta, ou, como se diz vulgarmente, *rançoso*.

A proporção do tempo que vaee passando, o monte expelle a maior quantidade de agoa que continha, mas juntamente com uma certa quantidade de azeite, e o volume primitivo diminue assim uma terça parte, ou mesmo metade.

Segundo a anal se chimica de Gay Lussac, Thenard, e de Saussure, 100 partes de oleo de azeitonas contem:

| | |
|-----------------|-------|
| Carbone..... | 77,24 |
| Hydrogeneo..... | 13,35 |
| Oxygenio..... | 9,43 |
| Total.... | 99,99 |

Ha 1,000 de perda.

O carbone é o corpo que se acha em mais abundancia no oleo, do qual constitue quasi 4/5, e a quantidade do hydrogeneo excede a do oxygenio.

A experiencia primeiro, e depois a sciencia, tem verificado que o oleo absorve o oxygenio, e que esta absorção o engrossa e o torna desagradavel ao gosto, fazendo-o rançoso. Este effeito é produzido pelo acido carbonico que se desinvolve á custa do carbone constitutivo, e pela oxydación de alguns principios da glicerina ou parte doce do azeite.

Com a fermentação ha desenvolvimento de calor, a cõr das azeitonas altera-se, seus tecidos começam a desagregar-se, e a extincção de uma luz, que se aproxima, demonstra a diffusão e dispersão do acido carbonico por toda a atmospherá, que envolve o lagar onde se está operando a maceração.

É esta a razão porque o azeite tem máo cheiro, e o gosto desagradavel, é por isso que se faz espesso com o tempo. Vejamos agora, como este oleo mingua e se dissipa; em que principios se firma o processo da maceração, e porque motivo os lavradores não o abandonam antes o praticam sempre com confiança.

O azeite não é como o summo da uva que exige uma segunda operação chimica para transformar a parte assucarada em alcool e converter-se em vinho. O azeite está já completamente elaborado no fructo; o melhor que ha a fazer é extrahilotal como está, esmagando pela trituração as cellulas que o contem, e separando o bagaço que fica.

Ora as operações da moedura e pressão executada com os instrumentos que ordinariamente se empregam, são longas e fastidiosas. Para obter um liquido puro e de boa qualidade, é preciso paciencia e fadiga, duas coisas a que os agricultores se querem eximir.

Além d'isto...

azotadas albuminosas que n'elle se dissolvem, e o turvam. O calor tem facilidade de as coagular, e fazer insolaveis; por consequencia precipitam-se, e separam-se mais depressa do azeite, que se torna limpido.

Vejamos agora o que se passa na fermentação das azeitonas?

O *mesocarpo* amollece, as paredes das cellulas oleoginosas enfraquecem; coagulam-se certas partes albuminosas, em virtude do calor que se desinvolve. Por consequencia, o fructo esmaga-se com mais facilidade, dá o azeite mais depressa; e este faz-se liquido n'um menor lapso de tempo.

Mas este oleo assim obtido representará a quantidade effectiva e real do que se continha no fructo? As cifras respondem eloquentemente. Mas, primeiro que tudo, notaremos que não é impossivel, que o desperdicio do azeite,—em vez de se effectuar pelo modo mais natural, como dissemos,—se opere por via da chimica. Uma parte das substancias azotadas não sómente se coagulam sob a acção do calor, mas devem desinvolver ammoniaco, poderoso alcali que se combina com uma porção qualquer de azeite e o sabonifica. Ora toda a gente sabe quanto o sabão é solavel na agua.

Ainda isto não é tudo. Se a azeitona é bichosa, deteriora-se mais ainda pela fermentação, porque a elevação da temperatura favorece o desinvolvimento dos vermes, que a acabam de estragar toda. Estes vermes, em vez de morrerem, transformam-se mais depressa em borboletas, que, depositando os ovos por toda a parte, perpetuam-se assim mais facilmente com prejuizo das colleitas futuras.

Mas, tomando por um momento estes raciocinios como hypotheticos, preferimos passar á observação e á realidade.

Escolhi azeitonas frescas provenientes de uma região fertil; d'estas destinei ao lagar 192k,8010. Moias por tres vezes differentes, e submetti-as á prensa sem fazer uzo da agoa quente. Obtive:

| | |
|-------------|----------|
| Azeite..... | 35,7039 |
| Bagaço..... | 76,1683 |
| Agoa..... | 80,9288 |
| Total.... | 192,8010 |

Deixei depois fermentar uma porção triplica das mesmas azeitonas que pezávam 578k,4032, e no fim de vinte a trinta dias diminuiu o seu volume, ficando reduzida a dois terços. Moias e expremi-as como as outras, e obtive:

| | |
|-------------|----------|
| | kil |
| Azeite..... | 95,2103 |
| Bagaço..... | 152,3366 |
| Agoa..... | 161,8577 |
| Total.... | 409,4047 |

Deduzindo esta ultima quantidade das 578k,4032, o restante 168k,9987, representa a perda ocasionada pela maceração.

Se a primeira porção de azeitonas frescas produziu 35k,7039 de azeite, a segunda porção, que era o triplo d'aquella, devia ter rendido tres vezes mais, isto é, 107k,1117. Mas ao contrario, só deu 95k,2104. Houve por tanto um prejuizo de 11k,9010 em toda a massa, e de 3k,9674 com referencia a cada quantidade equivalente á primeira porção.

Se dos 168k,9985 subtrahirmos a perda em azeite, expressa pela quantidade de 11k,9010, restarão 157k,0972, que representam a agoa de vegetação que escouo durante a fermentação.

G. CARUSO.

(Giornale di agricultura, 15 maio de 1866)

M. DE F.

(Archivo Rural).

FRANCISCO Joaquim da Silva que

vem por este modo agradecer a todos os illm.ºs srs. e sr.ªs que tão generosamente concorreram para a subscrição, que em seu favor promoveu n'esta cidade o seu amigo e protector o illm.º sr. Eugenio Eduardo Guedes, e que importou na quantia de 19:260 réis e ao mesmo tempo prestar-lhe a sua eterna gratidão e offerecer-lhes o seu limitado prestimo na cidade do Porto, onde se acha empregado actualmente. (84)

O Recebedor da comarca de Guimarães, faz publico que está em cobrança desde o dia 28 de dezembro do anno proximo findo, a contribuição industrial do anno de 1865, o que já foi annunciado. (85)

Ensaio

A EMPRESA do theatro de D. Affonso Henriques, d'esta cidade, annuncia que os ensaios de dança para o proximo carnaval principiam no domingo, 10 de corrente, no mesmo theatro, desde as 7 horas ás 9 da noute, acompanhados d'uma orchestra. (88)

DOMINGOS Gonçalves Lobo, negociante na rua N. va do Muro, d'esta cidade, faz publico que passou o seu negocio de couro e solla ao seu caixeiro Francisco Martins Fernandes, ficando de hoje em diante a cargo d'este todo o activo e passivo do mesmo negocio, e declara que, segundo os seus assentos, nada depara a seus credores, mas se porventura algum disser o contrario, que apresente no prazo de 30 dias o titulo legal, que, não duvida reconhecendo-o de verdadeiro, pagal-o. O annunciante agradece por este meio a todas as pessoas com quem teve transações commerciaes e lhes pede continuem da mesma forma com a nova firma—Francisco Martins Fernandes, pois que tem uma certeza de que serão bem servidos pelo bom sortimento que tem o estabelecimento de objectos proprios ao mesmo. (90)

VINHOS DO ALTO DOURO

No armazem da rua das Pretas, vende-se vinhos de mesa a 60, a 80, e a 160 réis o quartilho—bastardo a 500 réis, malvasia a 600 réis, moscatel a 600 réis, e roncam a 700 réis.

Affiança-se a boa qualidade e a pureza de todos os vinhos, mas se alguém duvidar e quizer certificar-se pode comparecer no dito armazem, desde as nove e meia até ao meio dia, porque se deixam passar 80 pipas que alli estão por qualquer experiencia chymica. 89

No juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Oliveira, se tem d'arremattar em praça publica e no tribunal das audiencias d'este julgado, no dia 10 do corrente por dez horas da manhã, a raiz fructos rendimentos d'uma propriedade de casas e cerca, sita no lugar do Monte freguezia d'Arosa, avaliada na quantia de 66\$373 réis, este em autos de inventario a que se anda procedendo por fallecimento de Joanna Rego e marido Francisco Caspar...

